

**A INSERÇÃO DA PESQUISA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

**THE INTEGRATION OF RESEARCH IN EARLY SERIES OF PRIMARY
EDUCATION**

RAUSCH, Rita Buzzi

Universidade Regional de Blumenau

rausch@furb.br

SCHROEDER, Sylvia Loch

Universidade Regional de Blumenau

sylvialochschroeder@gmail.com

RESUMO Investigamos a inserção da pesquisa nos processos de ensinar e aprender nas séries iniciais do ensino fundamental. Como alicerce teórico, fundamentamo-nos principalmente em Demo (2000; 2002; 2006), Lüdke (2001; 2009) e André (2001), que são autores brasileiros que se destacam nos estudos sobre pesquisa no contexto pedagógico. Compreendemos que já no Ensino Fundamental, por meio da pesquisa, podemos engatilhar um movimento que nos torna capazes de compreender a realidade, ampliando nossa capacidade de compreender fenômenos e produzir conhecimentos. A recolha de dados aconteceu em uma escola pública municipal de Blumenau na qual entrevistamos oito professores e aplicamos questionário a 93 alunos da 4ª série do Ensino Fundamental. Adentramos também no contexto ensino-aprendizagem de uma turma e fizemos observações em sala durante três semanas consecutivas. Como resultados encontramos professores e alunos despreparados e desprovidos de teoria e prática para realizar pesquisa. Identificamos que os professores e alunos não têm um conceito bem elaborado sobre o que seja pesquisar. Inferimos que para eles pesquisar seja simplesmente consultar materiais diversos, e estão se utilizando apenas de alguns procedimentos que integram a pesquisa. Por outro lado, constatamos que os professores destacam a importância de inserir a pesquisa no cotidiano escolar, mas não a realizam justificando o dispêndio de tempo que entendem ser necessário para realizá-la e reforçam o conteúdo transmitido como centralidade no processo de ensinar. Ressaltamos a importância de a formação inicial e continuada de professores contribuir no desenvolvimento de profissionais pesquisadores e reflexivos. O discurso atual centra-se na fusão entre teoria e prática na formação docente. A pesquisa, por envolver o pensar, a reflexão crítica, o fazer, o reconstruir constante é uma alternativa significativa para isso.

Palavras-Chave: Ensino com pesquisa. Ensino Fundamental. Professor Pesquisador. Aluno Pesquisador.

ABSTRACT We have investigated the inclusion of research in the processes of teaching and learning in early years of elementary school. As a theoretical foundation, we have based this work primarily on in-Demo (2000, 2002, 2006), Lüdke (2001, 2009) and Andrew (2001), Brazilian authors who excel in research studies about the teaching context. We understand that already in primary education, by means of research, a move can be triggered enabling us to understand reality, enhancing our ability to understand phenomena and generate knowledge. Data collection took place in a public school in Blumenau city where eight teachers have been interviewed and 93 students in the 4th grade of elementary school have been applied a questionnaire. We also entered in the context of a teaching-learning class and made comments in class for three consecutive weeks. As a result we discovered unprepared students and teachers, lacking in theory and practice to conduct research. We identified that teachers and students do not have a well developed concept of what is research. We inferred that, for them, searching is simply consulting various materials and we noticed they have been using only a few procedures that integrate the research process. Moreover, we found that teachers stress the importance of placing research at school, explaining not doing it, however, due to the amount of time needed for accomplishment and enhancing the content and its transmission as central in the process of teaching. We emphasize the importance of initial training and continuous education to contribute with the development of reflective practitioners and researchers. The current discourse focuses on the fusion of theory and practice in teacher education. The research is a meaningful alternative to it as it involves constant thinking, critical thinking, doing and rebuilding.

Keywords: Teaching with Research. Elementary School. Research Professor. Student Researcher.

INTRODUÇÃO

A pesquisa é uma das estratégias da prática educativa em sala de aula, que atualmente pode ser o grande ponto de partida para os avanços no processo de ensino e aprendizagem. Pedro Demo vê a pesquisa como princípio científico e educativo, ou seja, a base da educação é a pesquisa. Assim, pesquisar significa ter “[...] condição de consciência crítica e cabe como componente necessário de toda a proposta emancipatória” (2006, p. 10). Bagno (2007) elucida que pesquisa científica é a “[...] investigação feita com o objetivo expresso de se obter conhecimento específico e estruturado sobre um assunto preciso” (2007, p.18). Desta forma, pesquisa é ir além de construir conhecimentos. Ela nos possibilita a reconstrução de saberes, torna-nos seres produtores de conhecimentos. Remete-nos a interesses como a curiosidade, a motivação, a participação, o

questionamento, a dúvida, vivenciando na prática todo o processo de produção de conhecimentos.

Por isto, consideramos que a pesquisa deve se iniciar cedo na formação das crianças. A partir disso, a criança cria e recria as coisas que a cercam, começando um processo de identificação de ser humano pensante, iniciando um processo de transformação de sua realidade. Frente a isto, perguntamos: como acontece a inserção da pesquisa nos processos de ensinar e aprender nas séries iniciais do ensino fundamental? A partir desta indagação, buscamos compreender como acontece essa inserção, indagando por meio de entrevistas os oito professores que atuavam com a 4ª série do Ensino Fundamental de uma Escola Pública municipal e aplicamos questionário a todos os alunos, que eram em número de 93, e estavam matriculados nesta série. Observamos o processo de ensinar e aprender em sala de aula de uma turma, analisando as estratégias pedagógicas utilizadas no processo educativo para o desenvolvimento da pesquisa. Os dados foram analisados a partir das situações pedagógicas na formação escolar dos alunos, mapeando as dificuldades do professor em inserir a pesquisa no cotidiano escolar, bem como identificando a concepção de pesquisa na visão de professores e de alunos.

A investigação buscou discernir as limitações do ensinar apenas para informar e do ensinar para formar e emancipar o professor e o aluno para que tenham consciência crítica da sua história e da sociedade em que estão inseridos, assumindo desta forma, a responsabilidade e o compromisso de que a pesquisa na educação básica faz parte das descobertas e da elaboração própria, visando à construção do conhecimento.

2 EXPERIÊNCIAS EM PESQUISA DE PROFESSORES E DE ALUNOS DA 4ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL

Diante da importância da pesquisa em sala de aula e como suporte para a prática pedagógica do professor, buscamos considerar a experiência dos professores e alunos, visando o contexto do ser pesquisador.

A defesa em formar o professor pesquisador se fundamenta, segundo André (2008), sob o conceito de que o professor pesquisador deve procurar realizar na prática um trabalho de coleta e análise de dados, que resultará em implantação de novos projetos e ações na escola em que atua. É fundamental o professor ser pesquisador para tornar seu aluno também um pesquisador. Neste contexto, “[...] é fundamental e indispensável que aprendam a pesquisar” (BAGNO, 2007, p. 21).

Por meio de entrevistas realizadas, percebemos que os professores se posicionaram de maneira muito peculiar. Os dados adquiridos revelaram que parecem confusos em suas respostas. Um dos aspectos solicitados aos professores era para contar sobre suas experiências em pesquisa, tanto no processo de formação como em sala de aula, e se eles se consideravam professores pesquisadores. Os dados revelaram que nem todos os professores se consideravam pesquisadores, e as experiências em pesquisa para alguns não foram positivas. O que veremos a seguir são relatos da experiência em pesquisa dos professores, em conjunto com descrições de suas práticas em sala de aula, bem como o ser pesquisador no cotidiano escolar.

No processo de formação acadêmica, apenas duas professoras citaram ter realizado pesquisa. Uma delas nos colocou da seguinte forma: *“Já escrevi duas monografias e as pesquisas que fiz foram gratificantes. Aprendi muito com isso”* (Professora 7, entrevista 27-03-2009). Já a outra disse ter feito na graduação: *“Desenvolvi muito a pesquisa no curso superior de Geografia, onde nos eram exigidos muitos trabalhos de campo e leituras de diversos autores”* (Professora 3, entrevista, 27-03-2009). É durante o processo de formação que vamos construindo nossa prática em conjunto com a experiência. Por isso, destacamos a importância dos formadores de professores, pois são eles que farão a “[...] introdução do elemento crítico, imprescindível em todas as fases da formação do futuro pesquisador [...]” (LÜDKE, 2008, p. 49). A autora admite que não seja uma tarefa fácil, mas é sem dúvida alguma, necessária a inserção da pesquisa durante a formação inicial do professor, e que esta se perdue durante a formação continuada.

É durante a formação acadêmica do professor que a pesquisa tem um papel essencial. Para André (2008), é preciso que o professor tenha uma boa base

durante sua formação, para que ele possa formular problemas, desenvolver métodos que possibilitem uma boa análise de sua prática docente, enfim que tenha todo suporte em sua trajetória acadêmica para que depois se reflita em sua atuação profissional. Diante disto, Rausch argumenta “[...] que todo professor pode e deve ser pesquisador, pois somente a aliança entre teoria e prática provocará os resultados que almejamos, tanto na formação dos professores como na educação de uma maneira geral” (2008, p. 183 e 184).

Das oito professoras entrevistadas obtivemos respostas variadas sobre as suas experiências em pesquisa. Dentre elas destacamos: *Eu pesquiso sempre, em vários livros para a preparação das minhas aulas de matemática. Em Estudos Sociais, uso mais a internet para atualizar dados sobre o Estado e o município* (Professora 1, entrevista, 27-03-2009). Quanto ao ser pesquisador esta mesma professora se colocou como uma professora pesquisadora. *Eu me considero pesquisadora sim, pois a cada aula surgem dúvidas e é preciso saber responder corretamente* (Professora 1, entrevista, 27-03-2009).

Esta professora se considerou pesquisadora e usuária da pesquisa em suas experiências docentes, porém suas respostas se voltaram a caracterizar a pesquisa como um processo simples de consulta a livros ou internet. Lüdke *et al* já destacaram que em seus estudos têm “constatado uma variedade de acepções sobre pesquisa, desde uma definição muito calcada sobre o figurino acadêmico, até definições bem livres e criativas, seguindo preferências individuais.” (2009, p.15). Porém, para se tornar professora pesquisadora é preciso muito mais que isto. É preciso avançar para uma concepção de pesquisa como uma investigação sistemática crítica e autocrítica que requer métodos apropriados visando o avanço do conhecimento e um entendimento de professor pesquisador como aquele que investiga seus problemas do cotidiano docente visando o desenvolvimento de uma prática pedagógica que promova o sucesso na aprendizagem dos alunos. Em suma, ser pesquisadora é criar algo significativo para sua prática, é ter um sentimento de inconformismo com o fracasso escolar, procurando “[...] criar alternativas pedagógicas favoráveis aos seus alunos e alunas que não estão avançando como ela esperava” (ESTEBAN; ZACCUR, 2007, p.119), acarretando no professor uma postura investigativa. Por este motivo, destacamos que para a

pesquisa em sala acontecer, é fundamental que o professor seja pesquisador, para assim mostrar aos seus alunos quais passos seguir.

Para Ludke (2008), a complexa relação entre o professor e a pesquisa, faz com que os professores a apontem como importante para a sala de aula e para sua formação em si. Porém, em sua prática identificamos pouco ou quase nada do uso desta estratégia. A relação de pesquisa que os professores fazem dentro do processo educativo é superficial. Uma das professoras entrevistadas confirma isto em sua fala: *Procuro trabalhar sempre na pesquisa quando há dúvidas do conteúdo. Antes de explicar peço que busquem informações para depois juntos aprender* (Professora 2, entrevista, 27-03-2009). Para Gessinger (2002), esta é simplesmente a primeira etapa da pesquisa em sala de aula, a busca de material, pois devemos habituar os alunos a ter iniciativa de procurar as informações, em vez de recebê-las prontas. Desta forma, o aluno deixa de ser passivo e se torna ativo, dentro de práticas educacionais que visem sua autonomia.

Cruz e Lüdke (2005) argumentam que articular o ensino e a pesquisa no trabalho do professor da educação básica é algo que há muito tempo vem merecendo atenção dos profissionais que se dedicam a este estudo. A investigação das autoras revelou que a pesquisa deveria ser a base de sustentação do ensino básico, só que para isso, seria preciso uma reforma no desenvolvimento dos professores como pesquisadores de suas próprias práticas, e a partir daí, inserir a pesquisa no seu trabalho de sala de aula, visando o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Em síntese, os dados apresentados demonstram o quanto os professores estão desprovidos de teoria e prática para realizar pesquisa em sala de aula com seus alunos. Precisamos ter consciência que a pesquisa deve ser uma ferramenta pedagógica na qual o professor busque ampliar e enriquecer sua prática. Por isso, Galiazzi (2002) defende a pesquisa como se esta fosse um processo de competências não só do professor, mas também do aluno. Este processo está em fazer perguntas, criar hipóteses, construir argumentos críticos e pertinentes em conjunto à teoria, e assim validá-los em forma de argumentação.

Tornar ou formar o aluno pesquisador não é tarefa fácil. Um dos pontos é estimular a pesquisa, que segundo Demo deve acontecer dentro de seu

aprendizado social e intelectual que está em desenvolvimento, tendo como principal objetivo torná-lo parceiro de trabalho do professor. Então, cabe ao professor, orientar seus alunos à “[...] expressar-se de maneira fundamentada, exercitar o questionamento sempre, exercitar a formulação própria, reconstruir autores e teorias e cotidianizar a pesquisa” (2002, p. 34).

Dentro deste contexto, buscamos dados que também revelaram a experiência que os alunos tinham em pesquisa. Além do questionário, tivemos momentos de conversa informal com alguns alunos, questionando se eles faziam pesquisa na sala de aula. Suas respostas foram positivas. Eles afirmaram fazer pesquisa. “*Nós usamos livros da biblioteca, temos aulas de informática, fazemos desenhos de mapas dos livros, recortamos revistas*” (Diário de campo, observação, 09-03-2009). Neste relato, percebemos como falta orientação de como fazer pesquisa na escola e na sala de aula. Orientação no sentido de desenvolverem nos alunos um olhar crítico, que lhes permita reconhecer “[...] as trilhas que conduzem às verdadeiras fontes de informação e conhecimento” (BAGNO, 2007, p.15). Não que este não seja o caminho, mas o que acontece é que eles vão percorrendo uma trajetória durante toda formação escolar seguindo sempre o mesmo caminho, um único método. E quando chegam à universidade, ficam sem autonomia para desenvolver uma pesquisa. Por isso, a necessidade de inserir a pesquisa em sala de aula desde a educação básica, para que os alunos consigam construir conhecimento e elaboração própria.

Nos dados coletados através do questionário, os alunos tiveram um percentual muito elevado em relação à experiência em pesquisa. Dos 93 alunos, apenas três afirmaram que nunca haviam realizado pesquisa em sala, ou seja, 96,77% afirmaram ter feito pesquisa em sala. Um número considerável, visto que as respostas foram confusas, pois ao mesmo tempo em que respondiam já terem feito pesquisa, as respostas revelaram que eles não sabem como fazer, ou apenas se utilizam de consultas em livros, jornais, revistas, entre outros. A grande maioria respondeu que a pesquisa foi realizada através do livro didático e pelo computador, sendo 24,73% pelo livro didático e 23,66% pelo computador. São passos importantes para começar uma pesquisa, mas é preciso procurar materiais que tornem o assunto estudado uma investigação, uma problemática. Para Demo,

devemos habituar os alunos a terem iniciativa no sentido de procurar livros, textos, fontes e informações, evitando sempre por receitas prontas para que seja fomentada a iniciativa do aluno, ou seja, “[...] quando só existe o livro didático, é preciso pelo menos fazer o aluno, procurar nele o que interessa, usando-o mais como fonte de pesquisa, do que manual ou receita” (DEMO, 2002, p. 21).

Desta maneira, perguntamo-nos se realmente os professores fazem seu papel, comunicando e interagindo o que se quer atingir em uma consulta realizada por meio do computador. Não podemos concluir de maneira positiva diante dos dados, pois em meio as resposta encontramos: “*Foi legal no computador, a gente se divertiu muito*” (aluno F, questionário, 27-03-2009), ou “*Achei muitas coisas legais no computador, tinha muitos jogos*” (Aluno T, questionário, 27-03-2009). Os dados revelaram que os alunos fazem uso do computador, porém não sabem como pesquisar, ou mesmo delimitar um processo de pesquisa. Para Perrenoud (2000), o computador não é um instrumento próprio da escola, pois ao ser utilizado em âmbito escolar, os alunos aprendem a usá-lo em outros contextos. Talvez seja por isso que eles ficam tão dispersos quando tem que direcionar ou focar os estudos voltados à sala de aula, ou seja, uma atividade pedagógica.

Para os alunos investigados, pesquisar é apenas copiar o que tem no livro, recortar alguns encartes dos jornais e revistas, dicionários, enfim, sem referências de como utilizar métodos de pesquisa, ou seja, não acontece produção própria a partir das diferentes fontes de informação. Não estamos querendo tirar a importância de este processo ocorrer, mas pesquisa, no nosso entender, não reduz a isso. A pesquisa precisa ter um foco, um problema que requer respostas, ou seja, uma investigação que desperte a curiosidade, havendo questionamentos e gerando confronto de conhecimentos prévios com as informações coletadas, em conjunto com a construção de novos argumentos. Demo destaca que a pesquisa “[...] tomada como princípio científico e educativo, maneira de saber fazer e de refazer conhecimentos, bem como educar; ressalta-se o desafio do questionamento, que é a energia vital da busca da inovação” (2002, p.28), e não apenas cópias e recortes.

Em síntese, os dados demonstraram o quanto os alunos estão despreparados para fazer pesquisa em sala. Percebemos que houve momentos de

criticidade, diálogo entre professor e aluno. Dentro deste contexto, Cunha elucida sobre a importância de unir ensino e pesquisa para buscarmos uma educação integrada, no qual alunos e professores busquem criar e recriar conhecimento. “A pesquisa deve ser usada para colocar o sujeito dos fatos, para que a realidade seja apreendida e não somente reproduzida” (1994, p. 32). A prática da pesquisa emancipa, e um ser emancipado nunca entra em um diálogo para ouvir, mas, para mostrar e definir seu espaço diante de um grupo, confrontando ideias e conhecimentos.

3 CONCEPÇÕES DE PESQUISA DE PROFESSORES E DE ALUNOS

Quando nos perguntamos e justificamos um conceito de pesquisa, precisamos visualizar uma proposta para além da teoria e da prática acadêmica, inserindo esta proposta também na escola básica, como mais um alicerce no processo de ensino-aprendizagem. Então o que é pesquisar? Pesquisar segundo Demo (2006) é aprender criando elaboração própria e se emancipando. Bagno (2007, p.18) elucida que pesquisa científica, é a “[...] investigação feita com o objetivo expresso de se obter conhecimento específico e estruturado sobre um assunto preciso”.

Conceituar o que é pesquisa não foi fácil para os professores. Pareciam confusos e inseguros nas respostas, como se estivessem tentando adivinhar o que gostaríamos de ouvir, pois suas respostas tinham um tom de pergunta, ou seja, não souberam dar adequadamente um conceito de pesquisa. Para a professora 1 *“Pesquisar é procurar mais sobre um assunto ao qual se quer atualizar”* (Professora 1, entrevista, 27-03-2009). Pesquisa não só procura por atualização. A procura é o primeiro passo da pesquisa, depois disso, vem à seleção do que é significativo para o que se quer investigar, uma análise detalhada do que coletou, e a partir daí, começar a delinear a construção da descoberta através da produção própria. Um caminho longo, por isso a pesquisa tem como característica não só a busca pelo conhecimento, como também uma atitude política, visando o todo dialético. A utilização e a busca da pesquisa são pelo desconhecido, pela ruptura

dos limites impostos pela sociedade, fazendo desta, parte da prática e do processo de informação, sendo um instrumento para a emancipação do ser aprendente.

A dificuldade encontrada em conceituar a pesquisa é própria dos professores que tiveram formação calcada na transmissão do conhecimento, que não tiveram durante o período de formação acadêmica a pesquisa como elaboração própria. Viemos de uma prática retórica, em que o professor nunca deixou de ser discípulo, porque não sabe fazer ciência, e isso se reflete no aluno, que vê nele o conhecimento e a verdade.

Nas entrevistas, como conceito de pesquisa, a professora 2 destacou: “*é buscar mais informações, é tirar dúvidas, é saber mais sobre o que estamos buscando*” (Professora 2, entrevista, 27-03-2009). Outra professora também tem o mesmo ponto de vista, pois para ela pesquisar é “*buscar informações, conhecimentos ou entendimento em diferentes fontes, que possam elucidar questionamentos*” (Professora 5, entrevista, 27-03-2009), porém ela ainda coloca a questão de geração de questionamentos que a própria prática revela. O mesmo conceito foi relatado pela professora 6. Para ela, pesquisar “[...] *é a busca do conhecimento, tanto profissional como pessoal. É a busca de informações para poder aplicar na área de atuação*” (Professora 6, entrevista, 07-04-2009). Neste sentido, pesquisar é buscar informação, e através da busca, construir novos conhecimentos para elaboração própria.

A escola de hoje, deveria se utilizar da pesquisa como forma de entrar em contato com o ainda não-conhecido, estabelecer relações com o conhecimento pré-existente e fazer a incorporação do novo. A esse processo pode-se denominar, em termos específicos, como busca do conhecimento e, em termos amplos, como o processo educativo. Necessitamos então, de um bom aporte teórico, elaboração de conceitos a partir da teoria e relacioná-los à prática, para assim utilizar a pesquisa como fonte de interpretação e de criatividade.

Para Demo (2006), é comum encontrar professores do ensino fundamental e médio, que apenas ensinam, ou seja, estudam só para aquela determinada tarefa, adquirem um pouco de conhecimento e depois transmitem aos alunos. Esses professores que só ensinam, ou é porque não dominam métodos de

pesquisa ou é porque veem a ciência como algo dado, passa a sua carreira imitando e reproduzindo o que aprendeu no período de formação.

Conceituando pesquisa, Demo traz reflexões pertinentes, em que a pesquisa é definida como princípio científico e educativo. Neste contexto, no princípio científico, a pesquisa apresenta-se como um instrumento teórico/metodológico para construir conhecimento. Dentro do princípio educativo, pesquisa produz meios para alcançar a educação emancipatória, que gera o questionamento sistemático e crítico. Portanto, educar e construir conhecimento aproximam-se, podendo em alguns momentos se coincidirem, porém, é preciso cuidar para “[...] que não se mistifique a construção de conhecimentos, que é apenas o meio” (2000, 33).

Nesta busca por conceitos do que é pesquisar entre os professores entrevistados, obtivemos respostas que reforçam a necessidade de que a pesquisa precisa ser ressignificada no contexto de sala de aula. Para a professora 8, *“Pesquisar é o contrário de você receber um conteúdo pronto. Você vai descobrir esse conteúdo, do seu ponto de vista, de seu olhar sobre o assunto. Isso é que torna a pesquisa interessante, porque cada aluno tem uma visão e cada um busca pontos diferentes. Isso é que faz o conteúdo se tornar mais rico”* (Professora 8, entrevista, 07-04-2009). Este processo é importante, pois insere o aluno no contexto da investigação, o que o faz construir conhecimentos próprios, ter ideias, criar coisas novas, incentivando as diferenças de ponto de vista. A pesquisa deve partir do “[...] estudo de um problema, que ao mesmo tempo desperta o interesse do pesquisador e limita sua atividade de pesquisa a uma determinada porção do saber, a qual ele se compromete a construir naquele momento” (ANDRÉ; LÜDKE, 1996, p.02). Portanto, a pesquisa tem o propósito de solucionar o problema a ser investigado, ofertando e reestruturando os antigos conhecimentos.

Neste contexto, o conceito de pesquisa é essencial, pois está na raiz da consciência crítica questionadora, isto desde a não aceitação de ser submisso e objeto de manipulação dos outros, até a criação de alternativas para alcançar uma sociedade mais respeitosa e tolerável. Nesse emaranhado de acontecimentos, surge o despertar da curiosidade, da inquietação, da vontade de descobrir e criar,

e acima de tudo, o sujeito passa a ter uma atitude emancipatória, edificando-se como sujeito social competente e organizado no meio em que está inserido.

Se para os professores foi difícil conceituar pesquisa, para os alunos foi ainda mais. Nos momentos em que estávamos aplicando o questionário, vinham perguntas como: *“Oh professora, como assim pesquisa? Aquela dos livros?”* (Aluno J, questionário, 27-03-2009). Tivemos que explicar que gostaríamos de saber o que eles entendiam sobre o que é pesquisa. Tínhamos que ter cuidado para não influenciar nas possíveis respostas.

Em algumas respostas encontramos *“Eu entendi que a pesquisa é um jeito de aprender procurando na internet ou em livros, e em muitos lugares”* (Aluno A, questionário, 27-03-2009). Já mencionamos que este é um início, um meio de coleta de informações, mas a pesquisa é muito mais que isso. A maioria das respostas ficou em *“É bom perguntar aos pais”* (aluno M, questionário, 27-03-2009). Inferimos a partir de tal resposta que o que ocorre é, provavelmente, os professores solicitarem que os alunos façam algum trabalho com os pais. Analisamos isto como positivo, pois envolve a família na comunidade escolar, desenvolvendo um processo de integração e cooperação nos processos de ensinar e aprender.

Se para os alunos conceituar pesquisa é confuso, para Demo (2006) o conceito de pesquisa ganha contornos próprios e que desafiam a iniciar pelo reconhecimento de que o saber é concebido por aquele que sabe superar-se pela conquista da construção própria, utilizando todos os materiais necessários para esta conquista. Se dentro das universidades a pesquisa ainda é algo desafiador, quem dirá nas escolas. Sabemos das dificuldades encontradas na elaboração própria, mas é preciso um começo, mesmo que apenas sejam apresentadas sínteses. Por este motivo, Demo (2002) argumenta que é indispensável penetrar nos alunos convivências com estratégias de pesquisa, motivando-os a todo o momento para esta elaboração, para que assim se tornem emancipados.

Analisando que 96,77% das respostas dos questionários apontaram que os alunos já fizeram pesquisa em sala, como eles tiveram tanta dificuldade de conceituar o que é pesquisa? Talvez pelo fato de nunca terem feito uma pesquisa realmente. Aqui entra o papel do professor em mediar uma pesquisa em sala de

aula, mostrar aos alunos quais os caminhos para se alcançar o aprendizado por meio da pesquisa. “Cada professor precisa saber propor seu modo próprio e criativo de teorizar e praticar pesquisa, renovando-a constantemente e mantendo-a como fonte principal de sua capacidade inventiva” (DEMO, 2002, p. 15).

Pesquisar é um processo que objetiva entrar em contato com realidades desconhecidas ou pouco conhecidas, revelando suas características e peculiaridades. Porém, não se pode prender a realidade a um único tipo de pesquisa. Demo (2006) relata que se realmente “[...] soubéssemos com evidência incontestável o que é realidade, não seria mais necessária à ciência” (DEMO, 2006, p. 19), justamente porque a ciência busca descobertas da realidade que se escondem, principalmente no âmbito do poder, pois não a conhecemos empiricamente, apenas sabemos que ela é dissimuladora, algo que mascara e esconde o que realmente somos.

É preciso reconhecer que no dia-a-dia sentimos certa dificuldade de criar. E com os alunos esta relação não é diferente. Nossa realidade social nos limita a criação própria e acabamos caindo na cópia. Este retrato que nos torna domesticados e domesticadores, justifica a resposta do aluno L. “*Pesquisar é procurar para mim*” (Aluno L, questionário, 27-03-2009). Pela resposta dada, percebeu-se que o aluno tem noção do que é pesquisar, de acordo com o seu nível de formação, não da maneira sistêmica utilizada na universidade. Realmente se analisarmos a pesquisa neste contexto, veremos que ela visa a busca pelo novo, pelo desconhecido dentro de uma situação onde se busca a produção própria e a troca de ideias.

Uma das maneiras de se classificar a pesquisa é que esta também precisa dialogar, produzindo conhecimentos e trocando com outros, pois quem pesquisa, precisa se comunicar, quem não dialoga, apenas reproduz o que já foi criado. Por isso a necessidade de trabalhar, em grupos, coletivamente, pois é através da socialização do saber com o outro, que construímos criticamente nossos saberes. É um dos motivos que a pesquisa precisa ser valorizada, e para isso, precisa ser questionada sempre, gerando não só o questionamento, mas também a criticidade.

Neste processo de captar o que os alunos expuseram sobre o que é pesquisar, encontramos respostas confusas, que nos levam a concluir que eles

não têm um conceito formado sobre o que é pesquisar. Porém, afirmaram que já fizeram pesquisa dentro do processo de ensino/aprendizagem. Percebemos isto em uma das falas dos alunos: *“Pesquisa é uma coisa interessante que você não entende e vai atrás para saber”* (Aluno W, questionário, 27-03-2009). Diante de tal resposta, nos perguntamos: Se os alunos tivessem uma melhor orientação, ou mais consistente do que é e para quê pesquisar na sala de aula, como seria o processo de ensino-aprendizagem no contexto da emancipação dos alunos e professores diante da sociedade, na busca pela criação e descoberta do novo?

Nos alunos, de maneira geral, prevaleceram conceitos de pesquisa como sendo a consulta de informações em livros, computador, jornais e revistas. Não podemos descartar as possibilidades que estes veículos de informações nos remetem à teoria, porém, sabemos que pesquisar vai além disso. Para Demo (2006) pesquisar é especular, buscar, inquirir, questionar e finalmente, conhecer, por isso a importância da teoria. Dominar a teoria significa construir por meio da investigação, capacidade de analisar e relacionar com caminhos que ainda não foram pesquisados, abrindo portas para uma interpretação cabível de criação.

4 A PESQUISA COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NO CONTEXTO DAS SÉRIES INICIAIS

O uso indiscriminado do termo pesquisa vem sendo comprometido seriamente, causando distorções a respeito de sua real finalidade. Em vários níveis da educação, tem-se usado a pesquisa de maneira errônea, o que compromete o verdadeiro objetivo da pesquisa. Pede-se que se pesquise sobre determinado assunto, e a consulta é feita em alguns livros ou encartes, fazendo apenas uma cópia do que já foi pesquisado. Segundo Lüdke (1986), esse tipo de coleta contribui para despertar nos alunos a curiosidade, mas está longe de ser a elaboração de uma verdadeira pesquisa, sendo apenas uma atividade de consulta.

A pesquisa como estratégia pedagógica no contexto investigado, revelou que os professores se utilizam desta prática no cotidiano de sala de aula, porém, de uma forma muito simples, não sistematizada. Em suas falas durante a

entrevista, todos foram claros quando afirmaram o uso desta estratégia pedagógica.

Uma cena marcante com a professora 3, foi quando em uma de suas aulas ela ofereceu aos seus alunos a leitura de uma reportagem do jornal sobre o meio ambiente. Todos ouviram com atenção a explicação da professora sobre o porquê do fenômeno, causando furor entre os alunos, provocando discussões no grupo. A professora pediu silêncio e continuou a explicação. Em meio a isto ela questionou: “O que é sensação térmica?” (Professora 3, observação, 17/03/2009), um dos alunos tentou responder: “É quando o calor...” (Aluno J, observação, 17-03-2009). O aluno foi interrompido pela professora, ela não deixou que ele respondesse, continuando sua explicação.

Mesmo não dando espaço para os alunos, fez considerações pertinentes sobre o meio ambiente e nossas ações em relação a ele. Relacionou o cotidiano dos alunos com os acontecimentos da catástrofe que aconteceu em novembro de 2008 em nossa cidade e região. Somente ao final de sua explicação ela abriu espaço para o questionamento entre os alunos, ou seja, ela privou a ordem, sem deixar que tumultuassem sua aula (Diário de campo, observação, 17-03-2009).

Entendemos que, pesquisa e discussão geram barulho, e isso talvez os professores não gostem muito. Por isso, talvez a atitude rude da professora diante do tumulto que o questionamento gerou. “Não vejo como pode acontecer pesquisa na sala de aula, falta questionamento, diálogo entre professor/aluno, troca de idéias críticas sobre o assunto” (Diário de campo, observação, 16-03-2009).

Fazer pesquisa requer tempo e segundo a professora 3, este lhe falta. Só que para fazer pesquisa precisa-se de muito mais. É preciso espaço, preparo científico e prático, a pesquisa requer coleta e análise de dados, o que exige um aporte teórico, vocabulário próprio e conceitos. Será que não é possível para o professor do Ensino Fundamental cumprir com os requisitos básicos exigidos em uma pesquisa? Sabemos que existe a possibilidade de planejar a realização de pesquisas dentro do tempo e espaço da escola básica, bem como trabalhar por meio da pesquisa os conteúdos que tanto preocupam aos professores. Então o que existe por detrás da fala da professora 3? Será que ela não entende a

pesquisa como uma alternativa à promoção da aprendizagem dos alunos? Será que fazer pesquisa é perda de tempo?

A preocupação com os conteúdos é tão forte, que todos os professores deram respostas que estavam em seu entorno. *“Dá de fazer coisas boas! Eu acho que depende de seu conteúdo”* (Professora 4, entrevista, 27-03-2009). Esta resposta nos faz analisar que para esta professora, como para as outras 5 professoras, a preocupação maior está com o conteúdo, e que entendem que não é possível aprender os conteúdos por meio da pesquisa. Entendemos que o conteúdo é importante, mas é preciso pensar que conteúdo é este que é trabalhado na escola. No mais, sem desconsiderar a relevância do conteúdo, será que é o conteúdo em si é tão mais importante, do que o desenvolvimento de competências e habilidades para a reelaboração ou construção própria de conhecimentos?

Sabemos que entre alunos e professores existem expectativas quanto ao desempenho, ao comportamento, à disciplina na sala de aula. Existe uma diferença grande entre um professor que acredita nas potencialidades de seus alunos e aquele que está ali apenas para transmitir conteúdos. Quanto à intencionalidade pedagógica da professora 4 pareceu-nos preocupada com a aprendizagem dos alunos, e demonstrou acreditar em seus potenciais. Esta afirmação foi constatada durante o processo de observação. Um acontecimento durante este período foi marcante devido à preocupação dos alunos em realizar uma tarefa. *“Professora, eu não consigo fazer a letra ilustrada! Meu S fica muito feio”* (Aluno M, observação, 23-03-2009). A professora mais que depressa incentivou o aluno. *“Claro que você consegue! Faça do seu jeito, não precisa ser igual a do amigo do lado”* (Professora 4, observação, 23-03-2009).

Além de incentivo na estratégia pedagógica dos professores, precisamos também da inserção da pesquisa em sala de aula. Galiazzi, Moraes e Ramos (2002) justificam que o ser humano tem possibilidades de tornar ativo seu movimento e descobrir as coisas que o cercam. E na sala de aula através da pesquisa, é que se pode engatilhar este movimento que nos torna capazes de compreender a realidade, o que acaba evoluindo também na nossa capacidade de explicar e compreender fenômenos.

A pesquisa em sala de aula é uma das maneiras de envolver os sujeitos, alunos e professores, num processo de questionamento do discurso, das verdades implícitas e explícitas nas formações discursivas, propiciando a partir disso a construção de argumentos que levem a novas verdades. A pesquisa em sala de aula pode representar um dos modos de influir no fluxo do rio. Envolver-se nesse processo é acreditar que a realidade não é pronta, mas que se constitui a partir de uma construção humana (GALIAZZI, MORAES E RAMOS, 2002, p. 10).

É preciso ter consciência que a pesquisa deve ser uma estratégia pedagógica, diante de tantas outras, na qual o professor busca uma aproximação para ampliar e enriquecer sua prática. Por isso, a pesquisa não deve ser realizada num espaço que esteja acima dos acontecimentos diários, ou rotineiros. Para muitos, a pesquisa é erroneamente indicada como modo exclusivo, fora da realidade dos espaços que realmente deveria ser proposta. Assim, defendemos que a pesquisa deve se situar “[...] dentro das atividades normais do profissional da educação, seja ele professor, administrador, orientador, supervisor, avaliador [...]” (ANDRÉ; LÜDKE, 1996, p.02), com o intuito de aproximar a investigação da vida cotidiana das pessoas envolvidas com a educação, fazendo desta, mais um instrumento enriquecedor da prática docente.

Ao ser abordada sobre a utilização da pesquisa como alternativa metodológica no seu trabalho docente com a 4ª série, uma das professoras entrevistadas respondeu: *“É muito bom fazer pesquisa. Ela me ajudou a escrever e aprender mais sobre questionamentos que ajudaram a mudar meu pensamento e modo de vida”* (Professora 5, entrevista, 27-03-2009). Durante a entrevista, esta professora revelou já ter feito duas monografias durante seu processo de formação, argumentando que agora estava parada, mas, pensando em voltar a fazer pesquisa, o que significa que ela não se utiliza da pesquisa no cotidiano de sua prática docente. Por isto, Demo reforça que “[...] a pesquisa busca na prática a renovação da teoria e na teoria a renovação da prática, a educação encontra no conhecimento a alavanca crucial da intervenção inovadora” (2002, p.9).

Durante o processo de observação, foi possível perceber que os alunos são críticos e expressam opiniões, porém são podados pelos profissionais que estão

em sala de aula, no qual a preocupação é o conteúdo a ser transmitido e manter a ordem. O que emerge nas salas de aulas é a autoridade dos professores. Desta forma, Demo (2006) revela que temos à frente da sala de aulas ainda um ser de autoridade incontestável, sem se quer ser avaliado, e como telespectador os alunos, que ouvem, copiam reproduzem fielmente o que lhes é transmitido.

Hoje o que mais almejamos em nossos alunos é esta emancipação concreta, que eles possam dialogar com a realidade. Este diálogo abrange todo o processo da pesquisa como princípio científico e educativo, pois aprender a dialogar com a realidade, faz da pesquisa uma qualidade de vida para a evolução da cidadania. Começamos a pesquisar desde a nossa infância, e ela deve perdurar por toda nossa vida, pois daí nasce a educação criativa, que nos torna seres pensantes, construtores da evolução dos seres no cosmo dentro da relação e da conexão do conhecimento e do pensamento, respondendo assim, os desafios da globalidade e da complexidade no cotidiano de cada ser humano.

Parece retrógrado, mas continuamos a nos deparar em alguns momentos com uma visão muito tradicional de ensinar. A preocupação com os conteúdos acaba fazendo com que o professor não perceba como o aluno internalizou este conteúdo, pois o domínio do conteúdo não é garantia de conhecimento. De nada adianta, chegar ao final de cada ciclo com a meta dos conteúdos alcançada, se o aluno não construiu conhecimento próprio novo. O papel do professor como mediador do conhecimento, tem como uma de suas competências, orientar os alunos na busca pelo conhecimento, pois a “[...] aventura de construir conhecimento é tipicamente a aventura dos tempos modernos, num conluio surpreendente entre inteligência crítica e criativa humana e meios eletrônicos socializadores” (DEMO, 2000, p.14).

Entender a realidade, dialogando gera transformação. Essa transformação é a aceitação do ser como sujeito histórico, assumindo seu papel neste processo de construção e criação do novo, ou seja, um ser em constante evolução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa como estratégia pedagógica no contexto das séries iniciais do ensino fundamental revelou professores preocupados com o aprendizado significativo e crentes no potencial dos alunos. Sabemos que além de mediar é importante o professor construir competências e habilidades de questionar, de acreditar nos alunos, criando um elo que auxilia o aluno a argumentar criticamente, tornando-o capaz de produzir conhecimentos por meio de novas descobertas.

Esta investigação ainda revelou que as professoras se utilizam da habilidade de fazer perguntas, da troca de ideias, diálogo entre professor/aluno, demonstrando que o aprendizado também se faz pelo questionamento e pelo diálogo, levando os alunos a analisarem criticamente o que aprenderam.

Nosso foco central era analisar a inserção da pesquisa no contexto de sala de aula. Como resultado, nossa investigação revelou que as professoras se utilizam em parte desta estratégia no cotidiano de sala de aula, porém, de uma forma incompleta, realizando alguns procedimentos que são condizentes com tal atividade, mas não de forma sistematizada, embora, todas as professoras investigadas, afirmaram que usam esta estratégia pedagógica no cotidiano de suas aulas.

Nossa investigação ainda revelou uma preocupação excessiva das professoras em relação aos conteúdos e ao tempo que entendem requerer a realização de uma pesquisa. Compreendemos que talvez seja pelo fato de que elas ainda tenham uma percepção de pesquisa no modelo acadêmico, embora somente duas professoras mencionarem esta experiência na entrevista. Talvez o que falta seja uma orientação aos professores das possibilidades de se realizar pesquisa no contexto em que atuam e de conhecimentos de diferentes procedimentos metodológicos para realizá-la.

Compreendemos que a inserção da pesquisa em seu princípio pedagógico pode engatilhar um movimento que nos torna capazes de compreender a realidade, produzindo conhecimentos. Entretanto, a pesquisa revelou que, pelo fato de os professores não participarem de pesquisas, consideram-na distante e complicada no contexto cotidiano de sala de aula.

Salientamos que estamos cientes da atual problemática da profissão docente no país. Além de seu desprestígio social, a falta de valorização salarial.

Sabemos também que ensino e pesquisa são atividades complexas, que exigem do professor conhecimentos, habilidades e atitudes. Muitas vezes, o ofício do professor exige a tomada de decisões imediatas, com improvisos, e inexistem tempo e espaço coletivos e cooperativos nas instituições educacionais.

O professor em sala de aula precisa aprender a observar, instigar e questionar, estimulando a curiosidade dos alunos, utilizando ferramentas e estratégias para encontrar soluções alternativas de ressignificação de sua prática docente. E nesse sentido, ressalta-se a importância da formação inicial e continuada dos professores em uma perspectiva reflexiva e investigativa, que promovam o desenvolvimento profissional por meio de questionamentos, investigações que direcionem os docentes a decidir e agir diante de situações em sala de aula, marcadas pelas incertezas, decisões imediatas e complexidade do processo de ensinar. Destacamos ainda a importância dos professores formadores neste processo. Os formadores de professores têm o papel de desenvolver nos professores uma atitude indagativa e vigilante, fazendo-os refletir sobre situações cotidianas de sala de aula na busca da construção e criação de conhecimentos com seus alunos.

Formar profissionais pesquisadores e reflexivos na atualidade vem sendo um dos maiores desafios na formação inicial e continuada de professores. O discurso atual centra-se na fusão entre teoria e prática, entre o pensar e o fazer. E destacamos que o pensar, a reflexão crítica, o fazer, o reconstruir constante fazem parte do processo de pesquisa.

Em síntese, os resultados demonstraram o quanto os professores e alunos estão desprovidos de teoria e prática para realizar pesquisa em sala de aula. Mas, não podemos afirmar que a pesquisa inexistente no contexto investigado. Encontramos alguns procedimentos que fazem parte da pesquisa como consultas a livros, dicionários, internet. Porém, não presenciamos o desenvolvimento de pesquisa que parte de uma questão problema e busca respostas a ela por meio de coleta, análise a partir de movimentos metodológicos próprios desta atividade, nem observamos momentos de questionamento crítico entre professor/aluno e produção/elaboração própria de conhecimentos.

Temos desafios a serem superados na educação, e um deles é a inserção da pesquisa como estratégia no processo de ensino/aprendizagem na educação Básica. São muitos os desafios a serem enfrentados neste contexto, e um deles é certamente a formação docente.

Frente aos resultados obtidos deixamos algumas recomendações. Nossas recomendações reforçam a necessidade de formar professores pesquisadores utilizando a prática da pesquisa como uma forma de adquirir e produzir novos conhecimentos no seu processo de formação. Isto poderia auxiliar o professor em investir na ideia de motivar o aluno à elaboração própria. O grande desafio do professor e da escola é inserir a pesquisa desde a Educação Infantil, visto que, desde o momento de nosso nascimento, traçamos nossa trajetória de vida. Em suma, é preciso além de criticar, repensar o papel do professor, recriando-o, na direção do construtor/produtor de conhecimentos. Para atingir esse objetivo, é imprescindível ter atitude de pesquisa. Em suma, a pesquisa precisa ser compreendida como um processo que busca produzir conhecimento, e por isso precisa ser compreendida como um recurso que auxilia na qualidade do trabalho pedagógico, podendo garantir uma aprendizagem significativa para os alunos.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2005. 102 p.

ANDRÉ, M. E. D. A.; LÜDKE, M. **Pesquisas em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. 99 p.

ANDRÉ, M. **Pesquisa, formação e prática docente**. In ANDRÉ, M. (orgs) **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. Campinas, SP: Papirus, 2001, 143p.

BAGNO, M. **Pesquisa na escola – o que é e como se faz**. 21^o ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2007, 102 p.

BIKLEN, S.; BOGDAN, R. **Investigação qualitativa em educação**. Porto Editora. 12^a edição. Porto, Portugal. 1994. 336 p.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 126 p.

CRUZ, G. B. da; LÜDKE, M. **Aproximando universidade e escola de educação básica pela pesquisa**. Cadernos de pesquisa, v. 125, p. 81-109. maio/agosto. 2005.

CUNHA, M. I. da. **O bom professor e sua prática**. 4ª edição. Campinas, SP: Papirus, 1994. 182p.

DEMO. P. **Conhecimento moderno: sobre ética e intervenção do conhecimento**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. 317 p.

_____ **Educar pela pesquisa**. 5ª ed. Campinas, SP. Autores Associados, 2002. 120 p.

_____ **Pesquisa e construção de conhecimento**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000. 125p.

_____ **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2006. 120 p.

ESTEBAN, M.T; ZACCUR, E. (orgs) Professora pesquisadora uma prática em construção. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. 117 p.

GALIAZZI, M. C.; MORAES, R.; RAMOS, M. G. **Pesquisas em sala de aula: fundamentos e pressupostos**. In LIMA, V. M. R; MORAES, R. (orgs). **Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos**. 1ª edição. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. 316 p.

GALIAZZI, M, C. **O professor na sala de aula com pesquisa**. In LIMA, V. M. R; MORAES, R. (orgs). **Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos**. 1ª edição. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. 316 p.

GERHARDT T., LOPES M.J. M, ROESE A. e SOUZA A.C. **Diário de campo: construção e utilização em pesquisas científicas**. Online Brazilian Journal of Nursing, Vol 5, No 3 (2006).

GESSINGER. R.M **Teoria e fundamentação teórica na pesquisa me sala de aula**. In LIMA, V. M. R; MORAES, R. (orgs). **Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos**. 1ª edição. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. 316 p.

LIMA, V. M. R; MORAES, R. (orgs). **Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos**. 1ª edição. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. 316 p.

LÜDKE, M. **O professor, seu saber e sua pesquisa**. Educação e Sociedade, ano XXII, nº 74, abril / 2001. 120 p.

LÜDKE, M. et al. **O que conta como pesquisa?** São Paulo: Cortez, 2009.

MOREIRA, H; CALEFFE, L.G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 248 p.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. 192 p.

RAUSCH, R. B. **Técnicas de Investigação Científica**. Aula proferida em 2008.

RAUSCH, R. B.; SADALLA, A. M. F. A. **Promoção de reflexividade na formação inicial docente: O papel do professor orientador de pesquisa**. ETD – Educação Temática Digital, v.9, n.2, p. 170-188, jun. 2008.

SCHWARTZ, S. **De objetos a sujeitos da relação pedagógica: a pesquisa na sala de aula**. In LIMA, V. M. R; MORAES, R. (orgs). **Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos**. 1ª edição. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. 316 p.

SILVA, E.L; MENESES. E.M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001. 121p.